

MARX - UMA VISÃO PANORÂMICA DE UM PANORAMA DE UMA VISÃO (PRIVILEGIADA)

MARX – AN OVERVIEW OF A PANORAMIC (PRIVILEGED) VIEW

*MARX - UNA VISIÓN PANORÁMICA DE UN PANORAMA DE UNA VISIÓN
(PRIVILEGIADA)*

Eliane Juraski Camillo

Doutora em Educação pela UFSM.

Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria – RS – Brasil

Endereço:

Rua Padre Landel de Moura, 262

Rio Branco – Sobradinho - RS

CEP: 96900-000

E-mail:

juraskicamillo@gmail.com

Resumo: O presente artigo resgata – pelas vias da revisão bibliográfica – alguns pontos comumente discutidos por um rol de autores que se ocupam da teoria marxiana atualmente, procurando fazer algumas aproximações com a realidade mundial e brasileira do século XXI em alguns aspectos específicos. O texto aborda pontos como: alguns elementos da biografia de Marx, a questão do tempo, aspectos sobre Socialismo/Capitalismo, ditadura do proletariado, Estado, marxismos, revolução, partido, o fazer ciência, a concepção materialista da história, além de um olhar sobre a religião. Trata-se, portanto, de uma visão panorâmica sobre o amplo ideário de Marx acerca do modo de produção capitalista e seus corolários, que corresponde, com verossimilhança, ao panorama de uma visão privilegiada, que conseguiu manter-se viva desde o século XIX até os dias atuais pela vigorosa crítica que empreendeu sobre o tema a que se propôs.

Palavras-chave: Marx. Capitalismo. Concepção materialista da história.

Abstract: Based on a literature review, this article addresses some issues that are commonly discussed by a roster of current authors who address Marxian theory, seeking to draw some parallels with the global and the Brazilian reality of the twenty-first century in specific aspects. The text covers aspects such as: certain elements of Marx's biography, the question of time, aspects of Socialism/Capitalism, dictatorship of the proletariat, State, Marxism, revolution, party, the practice of science, the materialist view of history, and a look at religion. It therefore gives an overview of the broad ideas of Marx on the capitalist mode of production and its corollaries, which closely corresponds to the panorama of an insider's view, which

has managed to stay alive since the nineteenth century, due to the harsh criticism that has been targeted at the proposed theme.

Keywords: Marx. Capitalism. Materialist conception of history.

Resumen: Este artículo rescata - por vía de revisión de la literatura - algunos puntos comúnmente discutidos por una lista de autores que se ocupan de la teoría marxista actualmente, intentando hacer algunas aproximaciones a la realidad mundial y brasileña del siglo XXI en algunos aspectos específicos. El texto aborda temas tales como algunos elementos de la biografía de Marx, la cuestión del tiempo, los aspectos del socialismo / capitalismo, la dictadura del proletariado, el Estado, marxismos, la revolución, el partido, el hacer ciencia, la concepción materialista de la historia, además de una mirada sobre la religión. Se trata, por lo tanto, de una visión panorámica sobre las grandes ideas de Marx acerca del modo de producción capitalista y sus corolarios, que corresponde con verosimilitud al panorama de una visión privilegiada que logró mantenerse viva desde el siglo XIX hasta el día de hoy por la vigorosa crítica que ha llevado a cabo sobre el tema que se ha propuesto.

Palabras clave: Marx. Capitalismo. Concepción materialista de la historia.

Falar sobre Marx não é nada simples. Nem fácil. Trata-se, sim, de uma daquelas pessoas que, diante dela e de suas ideias, não se pode/ consegue manter uma postura de neutralidade: ou desperta amor, compromisso, interesse, militância; ou, incita ódios.

Quando se fala em Marx, deve-se ter em mente que ele é um pensador do século XIX e, como tal, seu pensamento está, de certa forma, alinhado com seu tempo – eurocentrista, romântico –, embora oficialmente se manifestasse contra isso. E não tem como ser diferente. Uma pessoa é, até certo ponto, fruto de seu tempo, mesmo que não concorde com as coisas que acontecem em seu tempo. Se alguém critica algo é porque, em maior ou menor grau, aquilo que ela critica está dentro de si e participou, para mais ou para menos, de sua constituição como pessoa e, ao se manifestar contrário a essas coisas, luta para exorcizar algo que ela mesma traz consigo.

Exemplificando, Marx teorizou sobre a alienação ou o estranhamento, falando sobre regras ou normas de comportamentos contraditórios em diferentes ramos da sociedade. Ou seja, em determinados setores do mundo capitalista as pessoas agiam de uma forma; enquanto que em outros setores, agiam de outra, visivelmente oposta. E o próprio Marx, em sua vida – privada e pública, porque o foi um homem público –, demonstra claramente isso. Embora recebesse em sua casa e fosse cordial com os operários, conservava certa superioridade por ser um doutor em filosofia, um aristocrata na época, evidenciando isso também na vida familiar. Reconhecido pelos operários como um homem generoso, não reconheceu, tampouco se interessou por um filho concebido em adultério com uma empregada doméstica da família, filho este assumido, a pedido de Marx, por seu grande amigo Engels, e que trouxe muito tristeza a sua devotada esposa e também principalmente a uma de suas filhas legítimas, que não compreendeu a atitude do pai. Tal fato foi muito visado pelos seus detratores, que o usaram e o têm usado largamente para diminuí-lo. Ao longo de toda a sua teoria, manifestava-se contra uma racionalidade vigente na sociedade, embora na vida privada se esforçava para conformar-se a ela. Diante das constantes dificuldades financeiras pelas quais a família de Marx passava e que eram abrandadas pela contínua ajuda de Engels – de origem abastada –, procurava manter uma aparência de prosperidade. A família conservava duas empregadas domésticas, as filhas contavam com aulas de piano e canto, o que era comum para as meninas da aristocracia da época, mesmo as filhas de Marx não apresentando a mínima inclinação para a vida artística. As aulas, no fundo, serviam para confirmar que eram oriundas de família rica. Mesmo diante das dificuldades financeiras, as filhas não recebiam, por outro lado, nenhuma

orientação no sentido de terem uma profissão, pois no tempo de Marx isso era reservado aos pobres. E, de certa forma, isso ainda é assim. Basta ajustarmos o foco para a nossa realidade brasileira e verificar que a educação sempre apresentou, em seu decurso histórico, um caráter dual: para as classes abastadas, uma educação propedêutica, desinteressada no sentido gramsciano, propícia à reflexão filosófica, à contemplação da arte e da cultura. Aos pobres, sempre se destinou uma educação instrumental, no afã de prepará-los minimamente para exercer uma profissão, atendendo às diferentes demandas nos distintos momentos de nossa história, atendendo o que o mercado de trabalho exigia.

Embora não tenha vivido até o final de seu próprio século e de, atualmente, ser acusado de anacrônico, haja vista que em seu tempo o capitalismo estava centrado na fase industrial, em seus últimos escritos, Marx já intuía muito do que hoje ocorre na era do capital volátil. Pressagiu, inclusive, que o capital, no modo de produção capitalista, é capaz de mercantilizar tudo o que entra em contato, também o amor e a consciência.

Vários autores são unânimes em declarar que, se o que Marx denunciou no século XIX em sua vasta obra, não foi devidamente ultrapassado – ao contrário, continua vivo entre nós e tem se avolumado e se exacerbado ainda mais (a exploração entre as classes, a hipocrisia,...) – então, obviamente, o marxismo não está superado; e sim, tem ainda muito a nos ensinar. O que ocorre é que o inestimável legado de Marx fora obscurecido pela falência do socialismo no leste europeu. Entretanto, atualmente, convém dissociar a figura de Marx do Socialismo/Comunismo e vê-lo como um crítico dos problemas decorrentes do capitalismo, que, ao que parece, têm atingido seu zênite no século XXI.

Nos escritos de Marx, o comunismo sempre apareceu como algo filosófico, utópico, idílico. Até que é convidado pela Liga dos Justos (que depois passa a se chamar Liga dos Comunistas) para escrever o programa de seu partido, o que se tornaria O Manifesto Comunista, no qual Marx pode afinar melhor o conceito de Comunismo. Para Marx e Engels, para que a sociedade saísse do capitalismo e adentrasse no socialismo e, em último (e perfeito) estágio, no comunismo, teria que ocorrer uma revolução, na qual o proletariado seria o sujeito revolucionário, já que não teria nada mais a perder com a revolução do que seus próprios grilhões. Essa ideia também circula por vários autores e em vários contextos, todos afirmando peremptoriamente que mudanças devem sempre partir de seus

maiores interessados e que as pessoas detentoras de benesses e poder jamais serão tomadas por um arroubo de bondade, abrindo mão de seus privilégios. Esse período de transição, compreendido entre o capitalismo e o comunismo, seria entendido como a ditadura do proletariado. Ditadura aqui, chamo a atenção, não possui significado análogo a que o termo apresenta nos dias atuais, com base nas ditaduras que assolaram o mundo em datas recentes, como o Nazismo na Alemanha, o Fascismo na Itália e a Ditadura Militar no Brasil, por exemplo; mas sim, curiosamente, aqui, ditadura pode significar democracia, porque ditadura do proletariado, ditadura dos despossuídos, os quais, teoricamente, tudo fariam para uma distribuição mais justa e igualitária do capital, dos bens sociais. Para subverter o estado de exploração do capitalismo, seria necessário que os trabalhadores tomassem conta da condição de exploração que viviam e tomassem o poder. Como isso seria feito por iniciativa deles – dos trabalhadores –, a intenção latente seria de acabar com a exploração. Assim, a ditadura do proletariado seria, na verdade, um estado de democracia, já que simboliza o trabalhador, maioria explorada. E o Estado, aqui, permitiria que isso fosse possível. Porém, Marx previne sobre a necessidade imperiosa de se destruir depois o Estado. Por essa destruição, entendo, seria transformar as instituições, mantendo aquelas que funcionam em prol do bem comum e modificando as que são favoráveis ao bem de alguns. Todavia, teria de se tomar o cuidado, pois sempre há o risco da mera troca de papéis. Isto é, quem era opressor passa a ser oprimido e que era oprimido assume o papel de opressor. Nesse caso, que é o que mais comumente ocorre, nada de fato muda, apenas o poder troca de mãos, sem ganhos reais para a coletividade. No Brasil, por exemplo, o PT – partido dos trabalhadores –, que se apregoava de esquerda e favorável aos trabalhadores oprimidos, ao assumir o poder, passa a alinhar-se exatamente à política neoliberal na qual se dizia posicionar-se contrariamente.

Ainda em relação ao Estado, a imprescindibilidade de destruí-lo reside no fato de que, para Marx, “o Estado moderno é apenas um comitê para gerir os negócios comuns de toda burguesia” (MANIFESTO COMUNISTA, p. 86). O era no tempo de Marx e continua a ser. Basta lançarmos um olhar para as lutas trabalhistas de hoje. Quando as mesmas saem do “pátio” das fábricas/empresas/corporações e adentram as ruas, o que geralmente acontece? Entra o Estado, devidamente representado pelo aparato policial, com todo seu poder repressivo, para colocar as coisas no

seu “devido lugar”, dentro da ordem estabelecida e que interessa ao capitalismo. Não importa que classe seja e de que maneira esteja reivindicando seus direitos, mesmo que de forma “ordeira”, sem causar dano algum à coletividade, salvo os danos que uma greve, para que surta efeito, tenha de gerar. Penso em uma greve de professores, por exemplo. O dano que a mesma causa é o fato de os alunos ficarem alguns dias sem aulas, durante a paralisação, dano este que, a meu ver, nem mesmo chega a ser um dano, pois as aulas terão de ser repostas no término da greve. Dias atrás, pude acompanhar, sobre a greve unificada dos professores no Rio de Janeiro, deflagrada em 12 de maio de 2014, a violenta intervenção da polícia nas passeatas no sentido de coibir o movimento. Não consigo visualizar como uma greve de professores represente uma “ameaça” para a segurança da sociedade, que justifique uma intervenção policial violenta.

Prova cabal de que o Estado continua ao lado das pautas do capitalismo é apresentada por Mészáros (2009) e Harvey (2011). Os mesmos discorrem sobre as constantes crises pelas quais tem passado o capitalismo e, na maioria das vezes, quando bancos, instituições financeiras e corporações se encontram com suas finanças em apuros, obtendo ajudas estatais generosas, as quais inevitavelmente acabam sendo arcadas pelos trabalhadores, que cada vez mais veem minguados os seus direitos trabalhistas.

Buey (2006) é um dentre outros vários autores que teoriza sobre os marxismos. Isso se apresenta relevante nos limites desta reflexão porque o pensamento marxiano foi e ainda o é extremamente fecundo pela quantidade de interpretações e *insights* que produziu e tem produzido. E nisso está a prova absoluta da qualidade de uma teoria: o quanto ela é capaz de produzir novas teorias, novas interpretações, novas reflexões, novas elaborações. **Marxiano** é um adjetivo que se refere ao pensamento de Marx (e Engels) de modo direto; enquanto que **marxista** se refere às reelaborações que o pensamento de Marx suscitou. Marx e seus adeptos/colaboradores diretos não se autodenominavam marxistas ou ligados ao marxismo. O termo **marxismo**, inicialmente, teve uma conotação negativa, pois surgiu como uma forma de ataque por uma contenda entre Marx e seus adeptos/colaboradores e Mikhail Bakunin, teórico político russo e um dos principais expoentes do anarquismo, pela troca de farpas advindas da não concordância com pontos de vista dissonantes na época. Por essa razão, Marx acusava Bakunin de **anarquista** e Bakunin rotulava Marx de **marxista**,

devido ao extremo dos posicionamentos de ambos naquilo que denunciavam e legitimavam. Marx e seu grupo preferiam termos como socialismo científico ou concepção materialista da história. Após a morte de Marx, Engels, mesmo de não tão bom grado, passa a permitir a cognominação marxista.

No entanto, o que realmente ganha relevância em relação ao marxismo, ou, ao melhor, aos marxismos, ou, ainda, aos “-ismos”, que é como o autor citado anteriormente enuncia, é o fato de que nem sempre os que deram continuidade ao legado de Marx e Engels o fizeram perfilado às ideias destes. E isso possui uma dupla acepção: uma, a de que, obviamente, cada um que se inspirou em Marx ao analisar sua própria realidade, o fez adequando o ideário daquele ao seu recorte espaciotemporal específico. José Carlos Mariátegui e Antonio Gramsci, por exemplo, não poderiam, naturalmente, ler Marx da mesma maneira. Cada um o fez dentro de seu real, com toda a gama de problemas, limites e potencialidades. O outro entendimento decorre deste. Se cada um adaptou a leitura de Marx à sua realidade, a fez também segundo suas concepções particulares de mundo, as quais, muitas vezes, se distanciavam das de Marx. E, obviamente, os resultados foram muito distintos. Tanto é que, ainda vivo, Marx teria declarado, ante à diversidade de interpretações que davam ao seu pensamento, por parte dos colaboradores e dos críticos, que não poderia ser marxista. Recordo, aqui, de Mário Osório Marques e de sua obra **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa, na qual relata que nossos escritos, ao saírem de nosso domínio ao serem publicados, podem ser comparados ao filho que ganha a maioria. Embora sempre seja o nosso filho, já não mais nos obedece como quando na tenra idade. Fará suas próprias escolhas, seguirá seu rumo, que nem sempre condiz com aquele que gostaríamos que seguisse. Ora, assim sendo, não se pode responsabilizar Marx pelas interpretações (equivocadas) de sua teoria. O filho ganhou a maioria. Já não temos controle total sobre ele. Penso agora nesse meu texto que, no momento que atingir um público, também ganhará (e oxalá que ganhe) e gere novas interpretações, que nem sempre poderão ser exatamente aquelas as quais priorizo aqui, pois quando lemos algo, lemos com tudo o que somos, com tudo o que nos constitui e que, para a minha felicidade, diferem de pessoa para pessoa, por isso enriquecedor.

O que precisa ficar bem claro é que Marx é um clássico interdisciplinar que se adapta mal às “gavetas acadêmicas” (BUEY, 2006). Sua obra não foi escrita para o

academicismo, pela/para a escolástica, tampouco é uma das muitas teorias vazias repletas de verborragia que pairam soberanas pela academia e que, na prática, para quase nada servem, não inspiram quase nada, não geram novas ideias, não dão continuidade a um legado. Trata-se, sim, de uma filosofia da práxis, por fazer a crítica do capitalismo e predizer a sua superação por intermédio da luta dos trabalhadores via uma prática revolucionária. É uma compreensão teórica da realidade, sua explicação, visando à sua transformação. É uma teoria que serve de guia para a ação. Não qualquer ação, mas uma ação criativa porque transformadora. É uma união da teoria e da prática. Mas não qualquer união. daquelas que os “pedagogismos” do nosso tempo apregoam. É uma união onde a teoria orienta e remete à ação. Mas por que a ação precisa de uma teoria? Porque ela não pode se dar ao sabor dos ventos, caso contrário logo esmorece. Precisa, sim, de um balizamento teórico, por este permitir a reflexão sobre o que está se fazendo na prática, a avaliação, a autocrítica e, caso seja necessário, uma mudança de estratégia. Talvez seja por isso que os protestos que eclodiram no Brasil na metade de 2013 não evoluíram rumo à transformação das estruturas injustas que embalam a sociedade brasileira. Eles vieram como vem um furacão, demonstrando uma força inicial desmedida, que logo se amainou. Deixaram um rastro de destruição e violência. E só. Logo foram domesticados por discursos políticos melífluos, que se diziam propensos a ouvir a voz das juventudes, escutar o clamor do povo. Mas, ao que parece, apenas isso não basta. E a tão citada tese de Marx sobre Feuerbach – mais precisamente, a décima primeira –, mais uma vez, mostra o seu teor vital de atualidade. Ouvir o povo, mostrar disposição à escuta e ao diálogo não é suficiente, embora possa ser um primeiro passo. Urgem, sim, mudanças, transformações, difíceis de acontecer porque incômodas para a minoria detentora da maioria dos bens e do poder.

Para Marx (lido em seu tempo), apenas a revolução seria capaz de modificar as estruturas opressivas do capitalismo. É, portanto, a força motriz da história, o instrumento de mudança social por excelência. Não surge do nada em meio à calmaria, mas depende das condições históricas, sociais e da dinâmica institucional, principalmente do Estado. Bensaid (1999) afirma que as revoluções sempre são extemporâneas. Não têm uma hora certa. Ou chegam cedo demais, ou tarde demais. Nunca na hora certa, por não ter uma hora certa. Ou não seria uma revolução, mas um compromisso formal, mecânico, um daqueles

cerimoniais com horário determinado para começar e terminar. Uma revolução dificilmente será uma decisão unânime. Alguns a julgarão necessária. Outros, não. Alguns já a teriam iniciado. Outros, esperariam um poucos mais. Também, nem sempre as coisas saem conforme planejado (e aí chamo a atenção para a importância da teoria orientadora). Às vezes o avanço é fácil. Noutras, é preciso recuar. Enfim, uma revolução é um caminho, a exemplo de vários outros, que só se faz plenamente no caminhar. E seus resultados nem sempre são garantidos. Em muitos ensejos, inclusive, contrários aos dantes esperados. É um processo, um aprendizado. O fazer história de fato, pois, conforme defendia Marx, a história não obedece ao tempo linear dos relógios, mas possui suas cadências particulares. E aquilo que nos é apresentado como a história oficial é apenas uma versão da história porque na maioria das vezes o que predomina é a história contada pelos vencedores. A história se faz na tensão dialética, na heterogeneidade dos tempos em descompasso.

Marx situa a importância do partido no processo revolucionário. É preciso demarcar a diferença entre o sentido atribuído a partido em sua época e nos dias atuais. Quando fala em partido, Marx o trata em um conceito amplo, que não corresponde ao sentido que o vocábulo assume após o século XIX e que compartilhamos hoje. Na concepção dele, o partido seria constituído pela união dos trabalhadores, conscientes de seu estado de exploração e da urgência da emancipação, iniciativa esta que deveria partir deles. Trago, neste ínterim, o (perigoso) papel do intelectual. O que comumente vejo nos movimentos sociais da atualidade é exatamente a ausência desse tipo de organização defendida por Marx. Na maioria das vezes, não são os maiores interessados por uma causa que, de comum acordo se unem em torno dela e lançam mão de uma série de estratégias que caracteriza sua luta no sentido de transformar uma situação que consideram injusta. O que ocorre é um grupo de lideranças – os intelectuais – tentarem convencer um grupo a agir contrários ou favoravelmente a algo, sendo que o grupo muitas vezes ao menos sabe pelo que está lutando, nem as variáveis envolvidas na questão. E aí reside o risco de um grande grupo legitimar o desejo de uma minoria. Também é preciso, por outro lado, tomar cuidado com o que se proclama desejo da maioria, como muito bem vaticinou Tocqueville (1988). Não é apenas o fato de designar o desejo de uma maioria que ele é plausível, desmerecendo assim a vontade da minoria, a qual igualmente poderia ser lúdima.

Olhando para o contexto brasileiro, o partido, ao melhor dizendo, os partidos, que são muitos em nosso país, significam menos um grupo de pessoas mais ou menos estreitamente associadas, que procuram controlar o poder, interferindo sobre a distribuição de obrigações recíprocas entre governantes e governados; porém, mais um mero trampolim por intermédio do qual se pode ascender ao poder, já que por aqui é comum os políticos trocarem frequentemente de partido, curiosamente, inclusive, mudando de siglas que, teoricamente, observariam posicionamentos dissonantes, apenas com o intuito de alçar algum poder. As alianças, as manobras políticas se fazem e se desfazem visando quase que unicamente a esse objetivo. Lastimavelmente.

Talvez, um dos maiores contributos da teoria de Marx, passível de ser transposta para a educação e a pesquisa de modo geral, foi sua ousadia de, em seu tempo, lançar-se a fazer ciência de outra forma. Embora houvesse um deslumbramento pela ciência na época de Marx, em face de seus avanços radicais, e o próprio Marx – fruto de seu tempo como enunciei – comungar com tal fulgência, ainda assim nosso filósofo vai desconstruindo os conceitos então em voga, mostrando que, se a ciência sempre correspondesse exatamente à essência, desnecessária seria a ciência. Marx se lança ao trabalho incessante e incansável de desmistificar o Estado, o Direito, a História e a Economia e, por conseguinte, a própria Ciência, cujos conceitos e categorias não possuem existência *sui generis*, mas nas relações, o que é deveras novo e relevante frente, sobretudo, aos ditamos da economia clássica, representada principalmente por Max Weber. Em comparação com esses outros escritos da época, Marx é crítico, desconfiado e exigente em relação à ciência. Para ele, a mesma deveria conceber-se a si mesma como parte de um processo histórico, sujeito, portanto, à autocrítica. Então, o que é científico hoje, amanhã pode não ser mais e os porta-vozes das ciências não podem ser arrogantes. No entanto, Konder (1992) alega que, pelo seu temperamento, Marx às vezes fazia-se arrogante, no sentido da atrofia ao senso autocrítico e na perda da capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, no sentido de aproveitá-lo como um estimulante. Nessa perspectiva há o enrijecimento de uma convicção que não se enriquece mais porque não se autoquestiona. E no século XXI necessitamos muito disso, em todas as esferas, principalmente no que tange à educação, haja vista que as categorias consagradas outrora pelo iluminismo já não mais dão conta de uma realidade híbrida e multifacetada, como muito bem

nos tem demonstrado Stuart Hall em seus estudos. Assim, tendo a reflexão e a autocrítica como baluartes, precisamos ter a coragem necessária para visitar permanentemente nossas visões de mundo, *mutatis mutandis*.

Indubitavelmente, Marx foi um contemporâneo em seu tempo, no sentido que Agambem (2009) nos traz, ao conseguir estabelecer uma relação singular com o próprio tempo, aderindo a este e, concomitantemente, dele tomando distância. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não conseguem manter fixo o olhar sobre ela. Contemporâneo, a exemplo de Marx, é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, que ofuscavam os olhos principalmente no século XIX, mas as obscuridades, especialmente as que Marx denunciou na sua obra. Ademais, todos os tempos são obscuros para quem vê o contemporâneo. E Marx logrou com êxito ver além das aparências, mormente ao que concerne ao lugar da ética e do sujeito, ocupado em sua teoria. Defende uma moral que rompe com a visão idealista de mundo, presente em Hegel, da qual se afasta ao avançar por uma perspectiva materialista da história, cuja crença na divindade que estabelecia até então o destino definitivo da humanidade é substituído pela crença no homem, como um ser em possibilidade. Marx insistia na revalorização da subjetividade humana, a qual não tinha lugar na sociedade capitalista, já que a maioria – os trabalhadores proletarizados eram forçados a viver na necessidade e viver na necessidade – não deveria ser uma necessidade para que o homem pudesse se realizar em todas as suas capacidades humanas, aqui e agora, neste mundo.

Nesse sentido, Marx faz a crítica à religião (um dos pontos pelos quais é atacado – e mal interpretado – pelos seus detratores), alegando, segundo Bensaid (2013), que o homem não é criatura de Deus, mas sim seu criador. Tal crítica não significa, exatamente, que ele se posicione favoravelmente ao ateísmo, pois isso seria tão ou mais nefasto do que a própria crença em uma religião, lembrando que muitas perseguições e atrocidades foram cometidas em nome disso. A crítica à religião, objetiva, sim, que o homem saia de suas ilusões, de suas letargias, de suas crenças e esperanças em um mundo melhor após a morte e **aja** na construção de um mundo melhor e mais justo nesta vida, que é o que de fato temos, pois até então não há nenhuma prova científica da existência do tão proclamado paraíso ou céu, difundido por várias religiões. E, se formos fazer um balanço,

considerando a preponderância do papel das religiões nos negócios humanos, demonstrada por Max Weber (2004), o efeito dessa pregação acerca do paraíso tem sido nefasto, pois faz com que o homem se resigne ante as misérias do mundo, pensando que quanto mais as suportar aqui, mais recompensado será na eternidade. O intuito maior de Marx, então, é atacar as condições sociais que levam as pessoas a buscarem consolo no transcendental. Análogo a isso, Marx procede ainda à crítica aos fetiches terrestres: não se torna imperativo apenas acabar com Deus, mas também com seus correlatos na terra, como o dinheiro, o qual tudo pode; o equivocado conceito de sociedade, que não é abstração, mas o indivíduo em si que o compõe; e a história, que não é toda-poderosa, mas atividade do homem que persegue seus objetivos (não é a história que faz o homem, mas o homem que faz a história, com as condições materiais de seu tempo). Diante disso, o marxismo pode ser considerado como uma normatização da vida social, um projeto ético inovador visando a que o homem procurasse construir sua felicidade na terra no tempo presente, que é o que realmente se tem, em função de que o passado, embora os mortos constituam um peso para as gerações atuais, já tenha passado e nele nada mais se pode realizar. E o futuro é uma quimera, que poderá não vir ou não vem para os que não mais estarão no mundo. Então, o que de fato temos é o presente e ele é o tempo propício à ação em prol da transformação do mundo, ao ser feliz.

À guisa de conclusão, frente aos aspectos discorridos acerca das ideias de Marx aqui elencadas, cabe a afirmação de que há, sim, lugar para Marx no século XXI, corroborando com a assertiva inicial sobre a não superação do que ele denunciou. Todavia, em conformidade com o que nos aconselha Konder (1992), as teorias, mesmo as melhores, são construções históricas, não permanecendo imunes à passagem do tempo, estando, portanto, sujeitas a envelhecerem, a perderem a sua vitalidade inicial. Elas precisam, sim, correr o risco de efetivar as autotransformações necessárias. A leitura de Marx – assim como também de outros autores de magnitude pelas suas contribuições – precisa ser feita na perspectiva da compreensão do que ele quis dizer em sua época, dos significados dos termos e ideias focalizados em seu tempo, para então se arriscar a empreender aproximações e analogias com o presente, tendo a autocrítica como companhia perene. Apenas assim é possível olhar para a exacerbação dos problemas decorrentes do capitalismo hoje e buscar na teoria do grande

filósofo do século XIX a inspiração necessária para melhor compreendê-los e, principalmente, de forma criativa, ter a coragem e a determinação suficientes para inventar categorias e estratégias válidas com o intuito de superá-los.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Ed. Argos, 2009.

BENSAID, D. **Marx, manual de instruções**. São Paulo: Boitempo, 2013.

BENSAID, D. **Marx, o intempestivo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BUEY, F.F. Marx e os marxismos: uma reflexão para o século XXI. In: BORON, A. A. e outros (Org.) **A teoria marxista hoje** – problemas e perspectivas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO, 2006. p 183 – 200.

COUTINHO, C. N. **O manifesto comunista 150 anos depois**: Karl Marx, Friedrich Engels. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 1. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, S. **A questão da identidade cultural**. 2. ed., rev. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998.

HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 4. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001.

MÉSZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

TOCQUEVILLE, A. de. **Igualdade social e liberdade política**. São Paulo: Nerman, 1988.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Artigo recebido em 13/07/2014

Aprovado em 09/01/2015